

Imaginação

Gordon Haddon Clark

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

Ainda mais fundamental para o empirismo do que a idéia de causa é a teoria de imaginação. Aristóteles foi o primeiro filósofo a estudar o assunto de imagens, e ninguém desde então fez algo melhor do que ele. Eles podem ter melhorado a teoria entrando em mais detalhes, mas usualmente eles têm enfraquecido a mesma através de algumas subtrações. Aristóteles descreveu o desenvolvimento do conhecimento como procedendo primeiro a partir das sensações para as imagens. Após a sensação parar, como acontece quando nos distanciamos daquilo que estávamos experimentando, algo deve permanecer na mente sobre o qual construímos um conhecimento mais avançado. A partir destas imagens – as figuras que a mente reteve, e que hoje provavelmente seriam chamadas de imagens da memória – vêm as idéias abstratas. A pessoa deve notar que para o empirismo as imagens são uma necessidade absoluta, se uma pessoa há de aprender algo sobre natureza, história, matemática ou baseball.

Os pensadores modernos concordam: Eles devem concordar, pelo menos se admitirem que a mente tem algum tipo de proposição antes disso. Talvez a defesa mais definida da imaginação nos tempos modernos seja aquela de David Hume, que convenientemente morreu em 1776,¹ de forma que os americanos possam se lembrar dele facilmente.

Em seu *Treatise of Human Nature* [Tratado sobre a Natureza Humana], Hume começa, logo na primeira página, a distinguir impressões (sensações) de idéias (imagens da memória). “Aquelas percepções que entram com maior força e violência podem ser chamadas de impressões... sensações, paixões e emoções... Por *idéias* eu quero dizer as imagens fracas destas no pensamento e raciocínio”. Contudo, elas não desaparecem assim tão facilmente:

Quando eu fecho meus olhos e penso na minha cama, as idéias que eu formo são representações exatas [!] das impressões que senti... Aquela idéia de vermelho, que formo no escuro, e aquela impressão que fulmina nossos olhos ao sol do meio-dia, diferem somente em grau, não em natureza.

Hume desafia: “Se alguém fosse negar esta semelhança universal, eu não conheço nenhuma forma de convencê-lo, a não ser desejando que ele mostre uma simples impressão que não tenha uma idéia correspondente... Se ele não responder este desafio, como é certo que não pode...”.

Mas é certo que ele pode. A impressão de vermelho, que o presente escritor tem na clara iluminação, não produz nem sequer a mais fraca “idéia” mais tarde. O Coral Anvil não deixa nenhum tom representativo após as vibrações cessarem. Nem alguma imagem do bacon permanece após eu tê-lo engolido. As declarações de Hume são simplesmente falsas. Bertrand Russell mais tarde insistiu que alguém que nega ter imagens é um louco. Bem, então eu sou um

¹ Nota do tradutor: A *Revolução Americana* também se deu em 1776.

louco. Mas num instante encontraremos uns poucos outros internatos distintos do hospício. Hume e Russell eram empiristas; mas se eles estiverem certos ao dizer que devemos confiar na nossa experiência, minha experiência é flagrantemente a contradição da deles. Que eles falem sobre si mesmos, se podem fazê-lo legitimamente; mas a experiência deles não lhes dá nenhum conhecimento sobre mim.

Se nos aproximarmos dos tempos recentes, há três eruditos que foram quase contemporâneos. Um foi Alfred Binet. Ele morreu em 1911, e foi o maior psicologista daquela geração. Uma das suas contribuições, em conjunção com Théodore Simon, foi a invenção do teste de inteligência (QI). A edição de 1928 do seu *L'Âme et le Corps* chegou a 12.000 cópias. Num momento falaremos de dois ingleses, Bertrand Russell (que quase alcançou a imortalidade) e E. B. Titchener (que nunca chegou a ser um cidadão da Inglaterra, embora tenha conseguido sua fama por muitos anos no Cornell).

Agora, primeiro Binet. Ele começou tentando definir sensação: “Sensação é o *tertium quid* interposto entre o estímulo dos nossos nervos sensitivos e nós mesmos”; ao que ele imediatamente adiciona,

o agregado das nossas sensações é tudo o que podemos saber sobre o mundo exterior, de tal forma que uma pessoa pode definir corretamente o último como a coleção das nossas sensações do passado e do presente, como também das possíveis sensações. Não reivindicamos que o mundo exterior é apenas isto, mas contendemos, e corretamente, que o mundo exterior é apenas isto para nós (58).

Nossos apologetas contemporâneos parecem inteiramente desatentos para o fato de que eles não construíram pontes sobre o grande abismo que Binet tão claramente apontou.

Há, contudo, algumas expressões perturbantes na citação, mas primeiro continuemos uma ou duas linhas.

Sensação é o fenômeno que é produzido e experimentado [*éprouver* significa experimentar ou sentir, e isto torna a descrição circular] quando um estímulo vem a atuar [ou simplesmente atuou] sobre um dos nossos órgãos sensoriais. Assim, o fenômeno é composto de duas partes: uma ação a partir de fora por algum corpo sobre a nossa substância nervosa, e então o fato de sentir esta ação (59).

Claramente, isto é auto-contraditório ou circular. Ele primeiro concede que o agregado das nossas sensações é tudo o que podemos saber sobre o mundo exterior; e agora, para fazê-lo mais definido, ele “pode definir corretamente o último como a coleção das nossas sensações do passado e do presente, como também das possíveis sensações”. Portanto, se há algum mundo exterior de alguma forma, não temos nenhum conhecimento dele, pois nossas próprias sensações são tudo o que conhecemos. Em particular, ninguém pode saber que há quaisquer órgãos sensoriais, ou qualquer estímulo, ou qualquer ação sobre os nervos. Todavia, aqui na página 40 ele fala de “perceber um objeto exterior”. Por que ele não percebe a contradição?

Binet então procede para as imagens. As considerações sobre a sensação foram feitas aqui somente para mostrar a fraqueza do fundamento sobre o qual Binet constrói. Para ele, imagens é algo que está afixado (*coller*) às nossas sensações:

Estas imagens nos dão ilusões, nós as tomamos como sensações, de forma que cremos que percebemos o que é somente uma memória ou idéia. A explicação é que nosso espírito não pode permanecer inativo na presença de uma sensação; ela o altera e o enriquece incessantemente. Este enriquecimento, tão constante, tão inevitável – mais que a existência de uma sensação isolada – um que percebemos sem unir imagens a ele, sem modificá-lo, sem interpretá-lo, é virtualmente irreconhecível numa consciência adulta. Ele é um mito (61).

Como é interessante notar que Binet aboliu toda sensação! Provavelmente ele não sabia que Agostinho tinha chegado à mesma conclusão.

Contudo, seu próximo capítulo examina as imagens: “Após a sensação vem as imagens, idéias, conceitos...” (76). É difícil discutir Binet muito a fundo neste tratado porque seus detalhes são numerosos e as posições que ele toma requereriam páginas de análise. Por exemplo, ele quer examinar a legitimidade de uma separação entre percepção e ideação (78). A sensação (e, certamente, não existe tal coisa; ele disse que era um mito) poderia ser distinguida de uma idéia pela realidade da primeira e a irrealidade da última, embora “sua oposição não tenha o escopo que a maioria das pessoas imagina” (79). Ele adiciona que aqueles que não foram prevenidos, estudando o assunto, tomam um pelo outro (81). Estas imagens

formam a maior parte, talvez noventa por cento, da percepção... Por causa disto vêm as ilusões sensoriais, que são o resultado, não de sensações, mas de idéias; e a partir disto, a dificuldade de conhecer com precisão o que num determinado caso é observação ou interpretação, e onde o fato percebido termina e onde a conjectura começa... Como, então, alguém pode admitir uma separação radical entre sensação e imagens? (81).

Toda esta confusão deveria ser suficiente para desiludir os apologetas cristãos de suas alucinações empiristas. Se eu pressionar minhas objeções contra eles com alguma veemência (Cachorros gostam de latir e morder, pois é a natureza deles fazê-lo: Issac Watts), eu também estenderia a eles uma considerável simpatia, indesejada quanto possa ser. Se eles tiverem lido o suficiente sobre o assunto, e tiverem visto a confusão absoluta, eles serão tolos em se apressar onde os eruditos temem pisar. Por conseguinte, eles podem apenas se confinar às incompreensibilidades do senso comum, pois a intelecção consistente está ausente.

Dura como a minha crítica possa ser, o desejo é produzir uma apologética que possa refutar o secularismo. Não há nenhum desejo de escusar os secularistas da culpa de confusão. Por exemplo, Titchener foi sem dúvida um psicologista distinto. Alguém pode chamá-lo com justiça de o pai da psicologia experimental na América. Agora, ele era tanto a favor de imagens que negou francamente a possibilidade de pensamentos sem imagens. Usando uma das suas fraseologias, uma pessoa poderia dizer que o significado é o desenvolvimento sensorial ou imaginativo do centro inicial de uma percepção. Falsa como acredito que seja

esta declaração, o ponto é que ele palpavelmente se contradiz ao afirmar a realidade do pensamento inconsciente.

Bertrand Russell foi outro moderno que, mais brevemente do que Titchener, insistiu, não meramente na realidade da imaginação em algumas pessoas, mas na necessidade de imagens em todas as pessoas. Já observamos o seu comentário de que todo aquele que nega ter imagens é louco. A grande falácia lógica da indução vem na próxima seção.

Há, contudo, um erudito melhor e mais consistente que, se não negou que algumas pessoas as tinham, fez pelo menos uma distinção rígida entre imagens e pensamento. Sobre este ponto eu duvido que alguém tenha feito melhor do que Brand Blanshard em seu *The Nature of Thought* [A Natureza do Pensamento], Vol. 1, capítulos VII e VIII.² Se o leitor permitir, eu não repetirei seu argumento absolutamente verbatim, embora a maioria das expressões será dele.

Ele pretende mostrar que idéias não são imagens. Após se referir a Locke, cujas imagens eram uma cópia fraca da sensação, Blanshard argumenta que o pensamento frequentemente se aprimora num homem à medida que sua facilidade em imaginar desaparece; e reciprocamente, quando a imagem é mais vívida, o pensamento pode ser mais inadequado (260). Para citar apenas um pouco:

O Dr. W. H. Rivers descreve a si mesmo como “uma daquelas pessoas cuja vida normal quando acordado é quase livre de imagens sensoriais... [Mas] eu concluí... que antes da idade de cinco anos minhas imagens visuais eram muito mais definidas do que se tornou mais tarde”. O Dr. Rivers era então deficiente em imagens de todos os tipos; ele também era... um pensador de certa distinção. Se o pensamento fosse imagens, estas duas coisas não poderiam ser verdadeiras (261).

Então, Blanshard relata as descobertas do consideravelmente brilhante Francis Galton, que descobriu que os “cientistas de reputação protestaram que as imagens mentais eram desconhecidas para eles... Eles não tinham mais noção de sua natureza verdadeira do que um homem daltônico que não descobriu seu defeito” (260, 261). Blanshard também aponta a tentativa desastrosa de Berkeley de explicar as idéias gerais. Dizer que uma idéia individual, isto é, uma imagem de uma única coisa, pode ser tão geral de forma a significar a mesma coisa para todos numa classe (tal como a imagem que a Rainha Elizabeth tem da Maria Rainha dos Escoceses significa todas as viúvas de Henrique VIII mais Florence Nightingale e Cleópatra) é admitir que a idéia geral não pode ser uma imagem. Se estivermos cientes de que a imagem individual “significa” algo mais, realmente admitimos que a imagem e o algo mais não são a mesma coisa.

Blanshard examina então a teoria de relações de Hume. Se o pensamento não é nada senão imagens, há dificuldade em supor que vemos a mesma coisa no espaço de alguns minutos. A razão é que ninguém pode ver ou ter uma imagem de identidade. O que acontece é uma rápida sucessão de percepções tais como obtemos de um filme de cinema. Os *frames* [quadros] individuais, cada um diferente do precedente, chegam numa sucessão tão rápida que somos

² London: Allen and Unwin, 1939.

enganados em pensar que um objeto único se move por toda a tela. Assim, experimentamos o movimento, embora nada se mova.

Pulando uma ou duas páginas de Blanshard, chegamos ao ponto interessante que sua teoria de imaginação destrói a distinção entre sensação e memória, pois o que ele chama de sensação e o que ele chama de memória consistem do mesmo tipo de imagens. Se pensarmos que podemos distinguir entre uma sensação presente e “as representações exatas da impressão que sinto” (Hume), deve haver algum fator além das imagens que faça tal distinção possível.

Até aqui, as imagens têm sido descritas como figuras de algo visto. Mas o algo não é geralmente simples. Uma pessoa não vê somente vermelho; ele vê também uma face. Certamente, ninguém jamais *vê* uma face, pois uma face é uma combinação de sensações que incluem outras coisas além de sensações visuais. Uma face humana, diferentemente do Monte Rushmore,³ é delicada, e não dura como uma rocha. De uma forma ou outra a mente combina várias sensações e então faz uma face. A face então se torna uma imagem, uma imagem complexa, pois sensações e imagens raramente são somente visuais. Mas se o empirismo requer que todo conhecimento seja desenvolvido através da imaginação, seria impossível restringir imagens a coisas ordinárias tais como faces, árvores, edifícios e baseball. Parece que somos capazes de pensar em relações também, tais como “à esquerda de”, e relações mais simples ordinariamente designadas por preposições, advérbios e menos obviamente por artigos definidos e indefinidos. Qual pode ser então a primeira imagem de *de*, ou *mas*, ou *incrível*? Pois se não podemos ver *mas*, ou cheirar *de*, ou provar *incrível*, poderíamos não conhecê-los.

O considerável psicologista Titchener descreve sua idéia de um cavalo como “uma curva dupla e uma postura exuberante com uma pouca de crina sobre ele... Vaca é um retângulo bastante longo com certa expressão facial, um tipo de careta exagerada”. Embora estas não sejam as “representações exatas” que Hume afirmou serem, elas podem ter alguma fraca semelhança aos animais, se alguém usar sua imaginação. Mas o que dizer das imagens de outras coisas? O próprio Titchener descreveu sua imagem do termo *significado* como “a ponta azul-cinzenta de um tipo de colher, que tem um pouco de amarelo em cima dela” (Blanshard, 272). Então Titchener adicionou: “Meu sentimento de *mas* [é] uma figura brilhante de uma cabeça careca com um adorno de cabelo embaixo, e um ombro preto massivo, o todo transmitindo o campo visual de noroeste a sudeste”.

Mas! Mas, de fato, o que poderia ser a imagem da raiz quadrada de menos um? Certamente, alguém pode fotografar o símbolo impresso. Mas o seu significado é uma colher azul-cinzenta?

Estudantes colegiais, num nível cotidiano mais comum, algumas vezes perguntam: “Se você não tem imagens, como pode reconhecer amanhã alguém a quem você foi apresentado hoje?”. A resposta é de certa forma infeliz: eu não sei. Após ver uma pessoa cinco ou seis vezes, e memorizar umas poucas

³ Nota do tradutor: O *Monte Rushmore*, localizado em Keystone, é um monte onde está esculpidas os bustos de quatro Presidentes americanos: George Washington, Thomas Jefferson, Theodore Roosevelt e Abraham Lincoln. Esta enorme escultura é uma das atrações turísticas mais conhecidas do mundo, e que rendeu ao Estado o cognome de *The Mount Rushmore State*. (Fonte: Wikipedia Português)

peculiaridades de Bertillon,⁴ eu posso eventualmente reconhecê-lo, às vezes. Mas a menos que eu o vejo dezesseis vezes, eu geralmente esqueço as informações. Embaraçador, mas sem dúvida é assim. Um dos meus hobbies é pintura a óleo; mas se a cor na palheta estiver longe da tela, eu não posso em muitos casos ver qual é mais clara e qual é mais escura. Assim, eu dou um leve toque na tela, e então na maioria das vezes posso ver qual é qual. Certamente minhas pinturas são horríveis. Elas são quase tão ruins quanto aquelas no Museu de Arte Moderna em Nova York.

Mas para retornar ao reconhecimento de pessoas: eu duvido, embora não possa saber, que até mesmo os empiristas com as imagens mais vívidas imagináveis possam reconhecer as pessoas por estes meios. Pergunte-lhes: “Se uma pessoa está andando na sua direção, e você olha para ela com os seus olhos, você então arranca sua imagem da sua carteira mental, compara as duas olhando rapidamente para uma e para a outra, e finalmente conclui: ‘Oh, sim, este é meu primo, Bill Smith!’?”. De qualquer forma, alguns empiristas têm admitido para mim que esta não é a forma como isso funciona. Mudemos o assunto levemente.⁵

Fonte: Capítulo 7 do livro *Lord God of Truth*, Gordon H. Clark, Trinity Foundation, p. 27-34.

Sobre o autor: Gordon Haddon Clark (31/8/1902 – 9/4/1985), filósofo e teólogo calvinista americano, foi o primeiro defensor do conceito apologético pressuposicional e presidente do Departamento de Filosofia da Universidade de Butler durante 28 anos. Especialista em Filosofia Pré-socrática e Antiga, tornou-se conhecido pelo rigor na defesa do realismo platônico contra todas as formas de empirismo e pela afirmação de que toda a verdade é proposicional e pela aplicação das leis da lógica.

Para saber mais sobre esse gigante da fé cristã, acesse a seção biografias do site *Monergismo*.

⁴ Nota do tradutor: Alphonse Bertillon (1853-1914) foi um pesquisador francês que inventou a técnica de impressão digital

⁵ Nota do tradutor: Leia o próximo capítulo, disponível no *Monergismo.com*: “Indução”.